

visão mortal

j. d. robb

Tradução de Patrícia Xavier

*A amizade não pode existir com cerimónia,
Como não pode existir sem civismo.*

L O R D E H A L I F A X

*É uma visão?
É um sonho?
Será que durmo?*

W I L L I A M S H A K E S P E A R E

C A P Í T U L O 1



Conseguiu chegar ao fim da noite sem matar ninguém. A tenente Eve Dallas, polícia até à medula, estava convencida de que semelhante contenção era prova de uma enorme força de carácter.

O dia decorrera com relativa tranquilidade. De manhã, uma ida ao tribunal, tão rotineira como entediante; depois, trabalho burocrático, demorado e monótono. O único caso que lhe calhara envolvera um grupo de amigalhões e uma disputa para ver quem deitava a mão à última dose da droga — uma mistura festiva de Buzz, Exótica e Zoom — que estavam a fumar, preguiçando no terraço de um prédio em West Side.

A discussão ficara resolvida quando um dos convivas caíra do alto do edifício, segurando o que restava da droga entre os dedos gananciosos.

Não devia ter sentido grande coisa, nem quando aterrara na Tenth Avenue, mas era certo que aquilo estragara o ambiente festivo.

As testemunhas — incluindo um Bom Samaritano, sem relação com o incidente, que vivia num prédio vizinho e chamara o 112 — tinham todas afirmado que o indivíduo encontrado no passeio e depois enfiado num saco saltara de livre vontade para um parapeito do terraço, dera uns enérgicos passos de dança, para manter os outros à distância, perdera o seu precário equilíbrio e caíra no vazio com um grito de excitação.

Para surpresa — e, possivelmente, entretenimento — dos passageiros de um eléctrico aéreo, que assistiram à última dança de um tal Jasper K. McKinney.

Um turista inapropriadamente fascinado conseguira captar todo o incidente com o seu vídeo de bolso.

Tudo batia certo, pelo que o caso de Jasper seria arquivado, com a conclusão de «morte por infortúnio». Oficiosamente, Eve classificou-a de morte por estupidez, mas não havia lugar no formulário para essa observação particular.

Por causa de Jasper e do seu mergulho de oito andares, Eve saíra da Central de Polícia quase uma hora mais tarde do que previsto, para depois se ver atolada no trânsito do centro da cidade, porque o veículo temporário que um sádico qualquer das Requisições lhe atribuíra se arastava pela estrada como um cão de três patas cego.

Tinha uma patente alta, caramba, e tinha direito a um carro decente. Não fora por culpa sua que destruíra dois veículos em dois anos. Talvez na manhã seguinte se esquecesse da força de carácter e fosse esmurrar alguém das Requisições.

Seria divertido.

E depois de chegar a casa — com quase duas horas de atraso —, a polícia durona da Secção de Homicídios tivera de se transformar em esposa sofisticada de empresário.

Era uma boa polícia, lembrou a si própria, mas bastante mais insegura no domínio da esposa de empresário.

Calculava que estivera elegante, visto que fora o marido a preparar-lhe toda a indumentária — até à roupa interior. Roarke percebia de roupas.

Ela sabia apenas que estava a usar uma coisa verde com brilhantes em toda a parte, e, onde não era verde nem brilhante, deixava muita pele à mostra.

Não houvera tempo para protestar, apenas para enfiar o corpo no vestido e os pés nos sapatos — que também eram verdes e brilhantes. Com aqueles saltos-agulha bem altos, ficava quase de olhos nos olhos com Roarke.

Não era nenhum sacrifício fitá-lo de perto, já que ele tinha olhos de um azul selvagem, misterioso, numa cara desenhada por anjos. No entanto, era difícil socializar com estranhos, quando receava tropeçar e cair de rabo no chão a qualquer instante.

Mas sobrevivera àquela noite. Sobrevivera à transformação rápida, à viagem de vaivém de Nova Iorque para Chicago, à hora do *cocktail*, em que o tédio quase lhe fizera os miolos em picadinho, apesar do vinho excelente, e ainda sobrevivera ao jantar de empresários, com Roarke a entreter uma dúzia de clientes e ela no papel de anfitriã.

Não sabia ao certo que clientes eram aqueles, uma vez que Roarke tinha o dedo em tudo quanto era negócio, e ela nem tentava manter-se a par. O que sabia era que quase todos eles podiam ganhar o prémio do mais entediante, naquela provação de quatro horas.

Mas não houvera baixas.

Pontos para ela.

O que queria agora era chegar a casa, despír aquela coisa verde brilhante, e cair na cama para dormir as seis horas que lhe restavam até outro dia começar.

O verão de 2059 fora longo, quente e sangrento. O outono estava a chegar, com o seu tempo mais fresco. Talvez as pessoas já não se sentissem tão inclinadas a matar-se umas às outras.

Mas Eve duvidava de que assim fosse.

Mal se instalou no seu lugar, no luxuoso vaivém privado, Roarke pegou-lhe nos pés, pô-los ao colo e tirou-lhe os sapatos.

— Não fiques com ideias, amigo. Quando finalmente tirar este vestido, não vou voltar a enfiá-lo.

— Minha querida Eve. — A voz dele era um ronronar com ecos da Irlanda. — Esse é o tipo de afirmação que me dá ideias. Por muito bem que fiques com esse vestido, ficas ainda melhor sem ele.

— Podes esquecer. Nem pensar que vou voltar a vestir-me, e também não vou sair daqui com aquilo a que tu chamas roupa interior. Por isso... Oh, valha-me Deus.

Entortou os olhos, depois revirou-os, quando ele lhe pressionou os polegares na curva dos pés.

— Devo-te uma massagem aos pés, no mínimo. — Sorriu, quando ela recostou a cabeça e gemeu. — Pelos inestimáveis serviços prestados. Sei como odeias estas noites. E estou-te grato por não teres puxado da arma e paralisado o McIntyre por cima dos canapés.

— O tipo com dentuças, que se ria como um burro, certo?

— Sim, esse é o McIntyre. Também é um cliente importante. — Levantou-lhe o pé esquerdo, beijou-lhe os pés. — Por isso, obrigado.

— Tudo bem. Faz parte do pacote.

Um belo pacote, pensou Eve, observando-o com os olhos semifechados. Uma linda embalagem com metro e oitenta e oito de altura. Mas não era apenas o corpo esbelto, musculoso, ou a cara de cortar a respiração, emoldurada por aquele cabelo de seda preta. Era a inteligência, o estilo, a energia. Tudo o que se podia desejar.

E o melhor de tudo: ele não só a amava, como a *conquistara*. Por muito que discutissem — e nunca era difícil arranjar motivo de discussão —, nesse ponto estavam de acordo.

Ele nunca esperava mais do que ela lhe podia dar no domínio da mulher de empresário. Muitas pessoas esperariam mais, Eve tinha noção disso. As empresas de Roarke incluíam ativos financeiros, propriedades, fábricas, mercados e Deus sabia o que mais, no planeta e arredores. Roarke era absurdamente rico, e poderoso em conformidade. Muitos homens naquela posição esperariam uma esposa ao seu dispor, uma mulher que largasse tudo e aparecesse pendurada no seu braço a um mero sinal.

Roarke não esperava nada disso.

Por cada encontro de negócios ou acontecimento social a que Eve comparecia no seu papel de esposa, havia provavelmente três a que faltava.

Além disso, eram inúmeras as vezes em que ele alterava a sua agenda para facilitar a dela, ou em que trabalhava como consultor num caso que ela investigava.

Na verdade, pensando bem, ele era muito melhor como marido de uma polícia do que ela como mulher de um homem de negócios.

— Se calhar, eu é que te devo uma massagem de pés — reconheceu Eve. — Tenho sorte contigo.

A mão dele percorreu-lhe o pé, dos dedos ao calcanhar.

— Lá isso, tens.

— Ainda assim, não vou tirar o vestido. — Deixou-se afundar no sofá, fechou os olhos. — Acorda-me quando aterrarmos.

Estava prestes a adormecer, quando o comunicador, na sua mala de mão, deu sinal.

— Oh, por *favor*. — Não abriu os olhos, mas estendeu o braço, enfiou a mão na mala. — Quanto tempo, para aterrarmos?

— Cerca de quinze minutos.

Anuindo, pegou no comunicador e atendeu.

— Dallas.

Mensagem, Dallas, tenente Eve. Apresente-se em Belvedere Castle, Central Park. Agentes no local. Homicídio, uma vítima.

— Contactar Peabody, detetive Delia. Encontramo-nos no local do crime. Estarei lá dentro de aproximadamente trinta minutos.

Mensagem enviada.

— Merda. — Eve passou uma mão pelo cabelo. — Podes largar-me lá, e segues para casa.

— Não gosto de largar a minha mulher. Vou contigo e espero.

Eve fez uma careta para o seu vestido elegante.

— Odeio ir trabalhar aperlada. Ouço piadas durante semanas.

O pior foi ter de voltar a calçar os sapatos, e caminhar com eles pela relva e pelos caminhos do maior parque da cidade.

O castelo ficava no ponto mais elevado do parque, com a sua estreita torre erguendo-se para o céu noturno e o terreno rochoso que descia para o lago aos seus pés.

Era um lugar bastante bonito, pensava Eve, para os turistas tirarem fotografias e filmarem durante o dia. Depois do anoitecer, zonas como aquela tornavam-se o *habitat* natural de sem-abrigo, toxicodependentes, prostitutas sem licença, e aqueles que, à falta de melhor para fazer, andavam à procura de sarilhos.

A atual administração da cidade falava muito em manter os parques e os monumentos limpos. E, na verdade, até atirava dinheiro ao processo com alguma regularidade. Nessas alturas, voluntários e funcionários municipais varriam o lixo do parque, limpavam grafitos, arranjavam os jardins.

Depois, davam o trabalho por terminado e dedicavam-se a outros assuntos, até tudo voltar a degradar-se.

De momento, o parque estava bastante apresentável; quase não havia lixo suficiente para ocupar os varredores que chegariam de madrugada.

Com Roarke ao seu lado, Eve caminhava o mais depressa que conseguia na direção das barreiras que os agentes já tinham colocado. O castelo estava iluminado como se fosse dia, com as luzes próprias de uma cena de crime.

— Não precisas de esperar — disse a Roarke. — Arranjo boleia.

— Eu espero.

Em vez de discutir, Eve encolheu os ombros e, puxando do distintivo, atravessou as barreiras.

Ninguém lhe fez comentários sobre o vestido ou os sapatos. A sua reputação de durona bastava para manter os agentes de boca fechada, mas Eve achou estranho não ouvir risadinhas nas suas costas.

Achou ainda mais estranho quando Peabody se aproximou e não fez qualquer reparo espirituoso a propósito da sua roupa.

— Dallas. É mau.

— O que temos?

— Vítima do sexo feminino, caucasiana, cerca de trinta anos. Filmei o corpo. Ia passar à identificação quando me disseram que tinhas chegado. — Caminharam juntas, Peabody com os seus ténis confortáveis, Eve com os saltos altos a torturá-la. — Homicídio sexual. Violada e estrangulada. Mas ele não se ficou por aí.

— Quem é que a encontrou?

— Dois miúdos. Caramba, Dallas. — Peabody parou por um instante, esfregando a cara cansada. Dava para perceber que se vestira à pressa. — Saíram de casa às escondidas, queriam alguma aventura. Tiveram bastante mais do que isso. Contactámos os pais e o serviço de proteção de menores. Estão num carro da Polícia.

— Onde está a vítima?

— Ali ao fundo. — Peabody começou a andar, depois apontou.

A mulher encontrava-se estendida nas rochas, junto à água escura, parada do lago. Estava completamente nua, à exceção do que parecia ser uma fita vermelha atada ao pescoço. Tinha as mãos unidas entre os seios, num gesto de oração ou súplica.

A cara estava manchada de sangue. Sangue, pensou Eve, que jorrara dela quando os olhos lhe tinham sido arrancados.

Teve de se descalçar, ou arriscava-se a partir o pescoço. Usando a lata de *Seal-It* que Peabody lhe passara, Eve protegeu as mãos e os pés descalços. Ainda assim, não era fácil agachar-se com aquele vestido de festa, e podia imaginar a sua figura ridícula, nada própria de uma inspetora, a brilhar daquela maneira ao caminhar pelas rochas na direção de um corpo.

Ouviu algo rasgar-se, e ignorou-o.

— Oh, raios. — Peabody fez uma careta. — Vais dar cabo desse vestido lindo.

— Dava um mês de ordenado por um maldito par de calças de ganga e por uma camisa normal. Uma porra dum par de botas. — Depois afastou aquele pensamento, assentou os pés com firmeza no chão e voltou-se para o corpo.

— Não a violou aqui. Há outro local do crime. Nem um louco viola uma mulher em cima de rochas, com tanta erva aqui ao lado. Violou-a noutro lugar. Matou-a ou incapacitou-a noutro lugar. Teve de a carregar para aqui. É preciso músculo e tamanho para isso... A não ser que fosse mais do que um. Ela pesa, o quê, pouco menos de sessenta quilos. Peso morto.

Para preservar o local do crime, mais do que o vestido, Eve levantou a saia.

— Vamos identificá-la, Peabody. Diz-me quem ela é.

Enquanto Peabody usava o *Identi-pad*, Eve observou a posição do corpo.

— A posição foi estudada. Como quem reza? Suplica? Descansa em paz? Qual é a tua mensagem?

Agachou-se para examinar o corpo.

— Vestígios de agressão física e sexual. Ferimentos na cara, no tronco, nos antebraços... estes parecem defensivos. Ela tem matéria debaixo das unhas. Lutou, arranhou-o. Não é pele. Parecem fibras.

— Chama-se Elisa Maplewood — disse Peabody. — A morada é de Central Park West.

— Não está muito longe de casa — observou Eve. — Não parece ser de um meio social elevado. Não tem os pés arranjados. As mãos não são macias e cuidadas. Têm calos.

— Está registada como empregada doméstica.

— Sim, faz mais sentido.

— Tem trinta e dois anos. Divorciada. Dallas, tem uma criança de quatro anos. Uma filha.

— Oh, raios. — Eve assimilou a informação, depois afastou-a do pensamento. — Ferimentos nas coxas e na zona vaginal. Fita de gorgorão vermelha à volta do pescoço.

A fita estava enterrada na pele, formando pregas na carne ferida, e as pontas encontravam-se caídas junto aos seios.

— Hora da morte, Peabody?

— Dá-me um segundo. — Peabody afastou o aparelho do corpo, olhou para o mostrador.

— Vinte e duas e vinte.

— Há cerca de três horas. E os miúdos encontraram-na...?

— Pouco depois da meia-noite. O primeiro agente a chegar ao local encarregou-se dos miúdos, tirou uma fotografia de cima, e comunicou à Central à um quarto para a uma.

— OK. — Preparando-se mentalmente, Eve pegou nos óculos de proteção, colocou-os, e debruçou-se sobre a cara desfigurada. — Ele não teve pressa. Não atacou ao acaso. Cortes seguros, precisos. Quase cirúrgicos, como se estivesse a fazer uma porra de um transplante. Eram os olhos que ele queria, portanto. Eram o prémio. O espancamento, a violação, isso foi só o prelúdio.

Recuou um pouco, tirou os óculos.

— Vamos virá-la, observar as costas.

Não havia nada, a não ser a pele enegrecida pelo sangue, e aquilo que Eve identificou como manchas de erva nas nádegas e nas coxas.

— Atacou-a por trás, foi o que foi. Mas não lhe importava que ela o visse. Atirou-a ao chão... passeio ou estrada. Não, caminho de grilha. Vês os arranhões nos cotovelos? Bate-lhe. Ela tenta lutar, tenta gritar. Talvez consiga gritar, mas ele arrasta-a, leva-a para um lugar onde possa divertir-se sem ninguém interferir. Arrasta-a pela erva. Domina-a com pancada, viola-a. Ata-lhe a corda ao pescoço, mata-a. Quando termina essa parte do trabalho, deita mãos ao que realmente lhe interessa.

Eve colocou de novo os óculos.

— Tirou-lhe o que lhe restava da roupa, os sapatos, qualquer acessório que ela trouxesse. Joias, tudo o que a individualizasse. Trouxe-a para aqui. Pô-la nesta posição. Tirou-lhe os olhos... com cuidado. Verificar a posição, fazer quaisquer ajustes necessários. Pode lavar o sangue no lago, se quiser. Lavar-se, agarrar o prémio, ir-se embora.

— Homicídio ritual?

— Ele gosta de rituais, isso é certo. Podem levá-la — disse Eve, endireitando-se. — Vamos procurar o local onde ele a matou.

Roarke viu-a tornar a enfiar os pés nos sapatos. Estaria melhor descalça, pensou ele, mas essa não era uma opção que a tenente considerasse.

Apesar dos saltos, do vestido elegante — agora em mau estado

—, apesar do brilho dos diamantes, Eve era polícia dos pés à cabeça. Alta, magra, firme como as rochas por onde caminhara para ver um novo horror. Mas ninguém veria o horror naqueles olhos rasgados, de um castanho com reflexos de ouro. Estava pálida sob as luzes intensas, que lhe acentuavam os traços vincados. O seu cabelo, quase da cor dos olhos, era curto, ondulado, e agora estava revoltado, sob a brisa que soprava do lago.

Viu-a parar, trocar algumas palavras com um agente. A sua voz soaria neutra, Roarke sabia-o, e enérgica, e não revelaria nada do que ela sentia.

Viu o gesto dela e viu Peabody, robusta e com roupa mais confortável, anuir em resposta. Passado um instante, Eve afastava-se do grupo de polícias e caminhava na direção dele.

— É melhor ires-te embora — disse-lhe. — Isto ainda vai demorar.

— Calculo que sim. Violação, estrangulação, mutilação. — Ergueu uma sobrancelha, quando ela estreitou os olhos. — Fico atento, sempre que o assunto envolve a minha polícia. Posso ser útil?

— Não, os civis ficam de fora. Até tu — disse Eve. — Ele não a matou aqui, por isso temos de descobrir o local do crime. Provavelmente, esta noite não vou a casa.

— Queres que te traga, ou envie, uma muda de roupa?

Apesar dos seus poderes impressionantes, Roarke não conseguia estalar os dedos e pô-la de calças e botas, por isso Eve abanou a cabeça.

— Tenho roupa no meu cacifo na Central. — Olhou para o seu vestido, suspirou ao ver as manchas de lama, as pequenas rasgadelas, as nódoas de fluidos corporais. Tentara ser cuidadosa, mas era inevitável, e Deus sabia o que Roarke pagara por aquela maldita coisa.

— Desculpa pelo vestido.

— Não é importante. Dá-me notícias, quando puderes.

— Claro.

Eve esforçou-se, e sabia que ele sabia como ela se esforçava, por não se esquivar quando ele lhe passou o dedo pela covinha do queixo, quando se inclinou e encostou os lábios aos seus.

— Boa sorte, tenente.

— Sim. Obrigada.

Caminhando de regresso à limusina, Roarke ainda a ouviu dizer, erguendo a voz:

— Vamos lá, meninos e meninas. Equipas de dois. Busca de indícios, procedimento habitual.

...

Ele não a carregara de muito longe, deduziu Eve. Para quê? Mais tempo, mais trabalho, o risco acrescido de ser visto. De qualquer modo, era Central Park, por isso a busca não seria rápida nem fácil, a não ser que tivessem um golpe de sorte.

Foi o que Eve teve, cerca de trinta minutos mais tarde.

— Aqui. — Ergueu uma mão para deter Peabody, depois curvou-se. — O chão foi remexido. Dá-me os óculos. Sim, sim — disse, já com os óculos postos. — Temos aqui algum sangue.

De mãos e joelhos no chão, aproximou o nariz da terra, como um cão de caça a farejar uma presa.

— Quero esta área isolada. Chama os peritos. Vamos ver se conseguem encontrar algum vestígio. Olha para isto.

Tirou a pinça do estojo.

— Uma unha partida. É dela — concluiu, quando a observou à luz. — Não lhe facilitaste a vida, pois não, Elisa? Fizeste o que podias.

Colocou a unha num saco, depois sentou-se nos calcanhares.

— Arrastou-a pela erva. Consegue-se ver onde ela tentou agarrar-se. Perdeu um sapato. É por isso que tem manchas de erva e lama num pé. Mas ele voltou atrás para apanhar o sapato. Levou as roupas dela.

Eve pôs-se de pé.

— Vamos procurar nos caixotes de lixo, num raio de dez quarteirões, para o caso de ele as ter deitado fora. Hão de estar rasgadas, ensanguentadas, sujas. Vamos tentar obter uma descrição do que ela tinha vestido, mas, mesmo sem isso, vamos procurar. Ficaste com as roupas, não foi? — murmurou Eve. — Como uma lembrança.

— Ela vive a dois quarteirões daqui — observou Peabody. — Apanhou-a perto de casa, trouxe-a para aqui, fez o serviço, depois transportou-a para o sítio onde a encontramos.

— Vamos inquirir. Coordenamos a operação, depois inspecionamos a residência dela.

Peabody pigarreou, olhando para o vestido de Eve.

— Vais assim vestida?

— Tens uma ideia melhor?

...

Era difícil não se sentir ligeiramente ridícula, quando se dirigiu, com o seu vestido estragado e os seus saltos de muitos centímetros, ao androide que fazia o turno da noite à porta do prédio de Maplewood.

Pelo menos, tinha o seu distintivo. Era uma daquelas coisas que trazia sempre consigo.

— Tenente Dallas, inspetora Peabody, Polícia e Departamento de Segurança de Nova Iorque. Estamos aqui por causa de Elisa Maplewood. Ela vive aqui?

— Preciso de verificar a sua identificação.

Estava com muito bom aspeto, para aquela hora da madrugada, mas outra coisa não se esperava de um androide. Usava um elegante uniforme vermelho com debrum prateado, e fora concebido à imagem de um homem na casa dos cinquenta anos, um pouco grisalho nas têmporas, para combinar com a trança.

— Os documentos estão em ordem. A senhora Maplewood é uma empregada doméstica interna, contratada pelo senhor e pela senhora Luther Vanderlea. De que se trata?

— Viu a senhora Maplewood esta noite?

— O meu turno é da meia-noite às seis. Não a vi.

— Precisamos de falar com os Vanderlea.

— O senhor Vanderlea encontra-se em viagem. Terá de marcar uma visita na receção. A esta hora da noite, o atendimento é feito por computador.

O androide destrancou as portas, entrando no edifício com Eve e Peabody.

— Segunda verificação de identidade — informou-as.

Eve ficou irritada, mas passou o seu distintivo pelo leitor eletrónico que se encontrava no elegante balcão do átrio preto e branco.

A sua identificação foi verificada, Dallas, tenente Eve.
Qual é a natureza da sua visita?

— Preciso de falar com a senhora Vanderlea, a respeito da sua empregada, Elisa Maplewood.

Aguarde um instante, enquanto contacto a senhora Vanderlea.

O androide manteve-se por perto, enquanto esperavam. Pairava no ar uma música calma, que começara a tocar quando tinham entrado no átrio. O sistema estava programado para acionar a música sempre que um humano entrava no edifício, supunha Eve.

Por que haviam as pessoas de precisar de música para atravessar um átrio era algo que Eve não percebia.

A luz era suave, as flores frescas. Algumas peças de mobiliário de boa qualidade — para quem quisesse sentar-se a ouvir a música — estavam dispostas com gosto. Havia dois elevadores na parede sul e quatro câmaras de segurança a vigiar o átrio.

Os Vanderlea eram gente de muito dinheiro.

— Onde se encontra o senhor Vanderlea? — perguntou Eve ao androide.

— Isto é um inquérito oficial?

— Não, eu é que sou bisbilhoteira. — Agitou-lhe o distintivo debaixo do nariz. — Sim, é um inquérito oficial.

— O senhor Vanderlea viajou para Madrid em trabalho.

— Quando partiu?

— Há dois dias. Deve regressar amanhã à noite.

— O que é que... — Interrompeu-se, ao ouvir o sinal do computador.

A senhora Vanderlea vai recebê-las agora. Por favor, subam no elevador A até ao 51.º piso. A senhora Vanderlea encontra-se na *penthouse* B.

— Obrigada. — Quando atravessavam o átrio axadrezado, as portas do elevador abriram-se. — Porque é que agradecemos às máquinas? — perguntou-se Eve em voz alta. — Elas só podem estar-se nas tintas.

— É um traço humano inato. Deve ser por isso que os programadores também as põem a agradecer-nos a nós. Já estiveste em Madrid?

— Não. Talvez. Não — concluiu. Estivera em muitos lugares nos últimos dois anos. — Acho que não. Sabes quem desenha sapatos como estes que eu trago, Peabody?

— O deus dos sapatos. Esses sapatos são magdivinais, tenente.

— Não, não foi o deus dos sapatos. Isto é obra de um homem, de um homem de carne e osso perverso, que odeia secretamente as mulheres. Concebendo sapatos como estes, pode torturá-las e lucrar ao mesmo tempo.

— Fazem as tuas pernas parecerem ter trinta metros.

— Pois, é mesmo isso que eu quero. Umas pernas de trinta metros.
— Resignada, saiu do elevador no 51.º piso.

A porta para a *penthouse* B tinha a largura de um camião, e foi aberta por uma mulher de pequena estatura na casa dos trinta anos, envolta num roupão verde-musgo.

Tinha o cabelo comprido e despenteado, de um ruivo-escuro com subtis reflexos dourados.

— Tenente Dallas? Oh, Deus, é um *Leonardo*?

Como a mulher fixara os olhos esbugalhados no vestido, Eve não demorou a perceber que era disso que ela estava a falar.

— Provavelmente. — Porque para além de ser o menino querido da moda da época, Leonardo era também o mais-que-tudo da melhor amiga de Eve. — Eu estava numa... coisa. Esta é a minha parceira, a inspetora Peabody. Senhora Vanderlea?

— Sim, Deann Vanderlea. De que se trata?

— Podemos entrar, senhora Vanderlea?

— Sim, claro. Estou confusa. Quando me ligaram lá de baixo a dizer que a Polícia queria falar comigo, pensei logo que tivesse acontecido alguma coisa ao Luther. Mas nesse caso teria recebido um telefonema de Madrid, não é? — Sorriu, hesitante. — Não tem nada que ver com o Luther, pois não?

— Não estamos aqui por causa do seu marido. Trata-se da Elisa Maplewood.

— Da Elisa? Bem, ela está na cama, a esta hora. A Elisa não pode estar em sarilhos. — Cruzou os braços. — De que se trata?

— Quando viu a senhora Maplewood pela última vez?

— Mesmo antes de me ir deitar. Por volta das dez. Fui para a cama cedo, doía-me a cabeça. De que se *trata*?

— Lamento dizer-lhe, senhora Vanderlea, mas a senhora Maplewood está morta. Morreu esta noite.

— Isso... é absurdo. Ela está na cama.

Eve sabia que a maneira mais fácil, mais simples de resolver a questão não era discutir.

— Talvez o melhor seja ir verificar.

— São quase quatro da manhã. Ela só pode estar a dormir. O quarto dela fica nas traseiras, junto à cozinha.

Voltou-se e atravessou a passo rápido a espaçosa sala de estar, mobilada com o que Eve reconheceu como antiguidades. Muita madeira

reluzente de linhas curvas, cores fortes, padrões complexos e peças de vidro brilhante. Aquela divisão desembocava numa sala de *media*, com o ecrã de parede recolhido, e o centro de jogos e comunicação instalado num móvel. Num *armoire*, corrigiu-se Eve. Era assim que Roarke chama-va àqueles armários grandes como o raio.

Ao lado ficava a sala de jantar, com a cozinha por trás.

— Peço-lhes que aguardem aqui, por favor.

Agora o tom fora brusco, notou Eve. Ela estava irritada e com medo.

A senhora Vanderlea abriu as portas deslizantes e entrou no que Eve assumiu serem os aposentos privados de Elisa.

— Esta casa é *enorme* — sussurrou Peabody.

— Sim, muito espaço, muita tralha. — Observou a cozinha em redor, em tons de preto e prateado. Dramática, eficiente, e tão limpa que nem os peritos da polícia ali encontrariam um grão de pó.

Não era muito diferente da cozinha na casa de Roarke. Essa era a província de Summerset, e Eve de boa vontade o deixava lá reinar.

— Já tinha estado com ela.

Peabody, que fitava fascinada o enorme AutoChef, voltou-se para Eve.

— Conheces a Vanderlea?

— Estive com eles, não os conheço. Um dos “afazeres” para que sou arrastada. O Roarke é que os conhece. Não situei o nome, e quem consegue lembrar-se daquela *gente* toda? Mas reconheci a cara dela.

Voltou-se para a senhora Vanderlea, que corria de volta à sala.

— Ela não está aqui. Não compreendo. Ela não está no quarto, nem em lugar nenhum da suite. A Vonnie está a dormir. A menina, a filha dela. Não compreendo.

— Ela costuma sair à noite?

— Não, claro que... *Mignon!* — Correu de novo para os aposentos de Elisa.

— Quem raio será a *Mignon*? — murmurou Eve.

— Talvez a Maplewood se tenha virado para as raparigas — sugeriu Peabody. — Pode ter uma amante.

— A *Mignon* não está aqui. — Agora Deann estava pálida como uma folha de papel, e os dedos, que ela levava ao pescoço, tremiam-lhe.

— Quem é...

— A nossa cadela. — Falava depressa, as palavras saltavam-lhe da boca. — Na verdade, é a cadela da Elisa, emocionalmente. Uma pequena *poodle* que comprei há meses... para nos fazer companhia, para as

meninas, mas a *Mignon* era mais ligada à Elisa. Ela... ela deve tê-la levado à rua. É quase sempre a última coisa que faz à noite. Levou a cadela a passear. Oh, Deus. Oh, meu Deus.

— Senhora Vanderlea, talvez seja melhor sentar-se. Peabody, água.

— Houve algum acidente? Oh, Deus, houve algum acidente? — Não havia lágrimas, ainda não, mas Eve sabia que elas viriam.

— Não, lamento, não foi um acidente. A senhora Maplewood foi atacada, no parque.

— Atacada? — Repetiu-o devagar, como se não conhecesse a palavra. — Atacada?

— Foi assassinada.

— Não. Não.

— Beba um pouco de água, minha senhora. — Peabody pressionou o copo que pusera nas mãos de Deann. — Beba um pouco.

— Não consigo. Não consigo. Não é possível. Ainda há pouco estávamos a conversar, há umas horas. Estávamos sentadas aqui mesmo. Ela disse-me para tomar um comprimido e para me ir deitar. E foi o que eu fiz. Nós... as meninas já estavam deitadas, e ela fez-me chá e disse-me que fosse para a cama. Como é possível? O que aconteceu?

Não, pensou Eve. Não era altura para piorar a situação com pormenores.

— Beba um pouco de água. — Apercebeu-se de que Peabody fora fechar as portas deslizantes.

A miúda, lembrou-se Eve. Não era uma conversa que uma criança devesse ouvir, caso acordasse.

E quando acordasse, pensou, o seu mundo teria mudado, irreversivelmente.

C A P Í T U L O 2



— Há quanto tempo a Elisa trabalhava para si? — Eve sabia a resposta, mas seria mais fácil conduzir Deann por um caminho plano, antes de passarem a um terreno rochoso.

— Dois anos. Dois anos. Eu... nós... o meu marido viaja muito, e eu decidi que queria uma empregada interna, em vez de ter só o pessoal externo e os androides. Mais para me fazer companhia, acho eu. Contratei a Elisa porque gostei dela.

Passou uma mão pela cara, fazendo um evidente esforço para se acalmar.

— Ela tinha as qualificações necessárias, claro, mas houve logo empatia entre nós. Se ia contratar alguém para viver cá em casa, para fazer parte da nossa vida, queria que fosse alguém com quem me sentisse confortável, a um nível pessoal. O outro fator decisivo foi a Vonnie. A Yvonne, a filha dela. Tenho uma filha, a Zanna. São da mesma idade, e achei que seriam amigas. São mesmo. São como família. São da família. Oh, Deus, a Vonnie.

Levou as mãos à boca, e as lágrimas vieram-lhe aos olhos.

— Ela só tem quatro anos. É tão pequenina. Como é que lhe vou dizer que a sua mãe... Como posso dizer-lhe?

— Nós podemos encarregar-nos disso, senhora Vanderlea. — Peabody sentou-se. — Falaremos com ela, e teremos um psicólogo da Proteção de Menores disponível para a ajudar.

— Ela não vos conhece. — Deann levantou-se, atravessou a sala e abriu uma gaveta, de onde tirou lenços de papel. — Só ficaria mais assustada e confusa, se ficasse a saber... por uma pessoa estranha. Tenho de ser eu a dizer-lhe. Tenho de arranjar forma de lhe dizer.

Enxugou as faces com um lenço.

— Preciso de um minuto.

— Tem o tempo que quiser — disse Eve.

— Somos amigas. Como a Zanna e a Vonnie. Não era... a nossa relação não era de patroa e empregada. Os pais dela...

Deann respirou fundo, devagar. Eve deu-lhe a nota máxima pelo autocontrolo, quando voltou a sentar-se à mesa.

— A mãe e o padrasto dela vivem na baixa. O pai, ah, está em Filadélfia. Posso... posso contactá-los. Acho que é melhor saberem por mim. Têm de... Tenho de telefonar ao Luther. Tenho de lhe dizer.

— De certeza que quer encarregar-se disto? — perguntou-lhe Eve.

— Ela tê-lo-ia feito por mim. — Quando a voz lhe fraquejou, Deann apertou os lábios, controlou-se. — Ela teria cuidado da minha menina, e eu vou cuidar da dela. Ela teria... Oh, meu Deus, como pôde isto acontecer?

— Ela disse-lhe se estava com problemas? Falou sobre alguma preocupação, alguém que a estivesse a incomodar, ou a ameaçar?

— Não. Não. Ela ter-me-ia contado. As pessoas gostavam da Elisa.

— Ela estava envolvida com alguém, romântica ou socialmente?

— Não. De momento, não tinha namorado. Passou por um divórcio difícil, e queria um ambiente estável para a filha. Estava, como ela dizia, a fazer uma pausa no que tocava a homens.

— Havia alguém que ela tivesse rejeitado ou desencorajado?

— Que eu saiba, não... ela foi *violada*? — Os punhos de Deann cerraram-se sobre a mesa.

— O médico-legista ainda terá de avaliar... — Eve interrompeu-se, quando a mão de Deann se levantou de repente e agarrou a sua.

— Eu sei que sabe, e não quero que mo esconda. Ela era minha amiga.

— Tudo indica que foi violada, sim.

A mão apertou a de Eve com mais força, tremeu uma vez, violentamente, depois largou-a.

— Vai encontrá-lo. Vai encontrá-lo e fazê-lo pagar.

— É o que tenciono fazer. Se quiser ajudar-me, preciso que tente lembrar-se. Se aconteceu alguma coisa, por muito insignificante que lhe pareça. Se ela lhe disse alguma coisa, mesmo de passagem.

— Ela teria lutado — afirmou Deann. — O marido dela era violento, e ela fez terapia, procurou ajuda e deixou-o. Aprendeu a defender-se. Ela teria lutado.

— E lutou. Onde está o ex-marido?

— Gostava de dizer que no quinto dos infernos, mas está nas Caraíbas, com a sua atual galdéria. Vive lá, tem uma espécie de loja de equipamento de mergulho. Nunca viu a filha, nem uma só vez. A Elisa estava grávida de oito meses quando se divorciou. Não o deixo ficar com esta criança.

Uma luz combativa iluminava-lhe agora o olhar, e esse calor endureceu-lhe a voz.

— Vou fazer-lhe frente, se ele tentar ficar com a custódia. Posso fazer isso pela Elisa.

— Quando foi a última vez que ela teve notícias dele?

— Há uns meses, creio, quando ele voltou a atrasar-se no pagamento da pensão de alimentos. Protestava e queixava-se por ter de lhe dar dinheiro, quando ela tinha uma vida confortável aqui. — Mais uma vez, respirou fundo. — O dinheiro ia diretamente para uma conta da Vonnie, para a educação dela. Não que ele se preocupasse com isso.

— Conheceu-o?

— Não tive esse prazer duvidoso. Tanto quanto sei, há quatro anos que não vem a Nova Iorque. Ainda não estou a pensar claramente — admitiu. — Mas vou pôr as ideias em ordem, vou pensar com todo o cuidado, e farei tudo o que puder para vos ajudar. Mas agora preciso de telefonar ao meu marido. Preciso de falar com o Luther, e de estar sozinha, por favor. Preciso de ficar sozinha, para encontrar a melhor maneira de falar com a Vonnie, quando ela acordar. Falar com a Vonnie e com a minha filha.

— Vamos precisar de ver os aposentos dela, de ver as suas coisas. Amanhã. Vê algum inconveniente?

— Não. Deixava-as entrar agora, mas... — Olhou para a porta. — Quero que a Vonnie durma, tanto tempo quanto for possível.

Eve pôs-se de pé.

— Nesse caso, agradecia-lhe que me contactasse amanhã de manhã.

— Assim farei. Peço desculpa, esqueci-me completamente do seu nome.

— Dallas. Tenente Dallas. Inspetora Peabody.

— Claro. Claro. Reparei no seu vestido, quando vos abri a porta.

Parece que foi há anos. — Pôs-se de pé, esfregando a cara e observando Eve. — A sua cara é-me familiar. Não sei se será por estar aqui há anos, ou se já nos encontrámos antes.

— Fomos apresentadas, num jantar de solidariedade ou algo assim.

— Num jantar? Oh, é claro. O Roarke. É a mulher do Roarke. A polícia do Roarke, como lhe chamam. Não estou no meu juízo perfeito.

— Não tem importância. Lamento que nos tenhamos voltado a encontrar nestas circunstâncias.

O olhar de Deann tornou-se penetrante, o brilho de guerreira ainda não o abandonara.

— Quando as pessoas falam da polícia do Roarke, entre *cocktails* e aperitivos, dizem que ela é um pouco assustadora, um pouco perigosa, e implacável. Esta é uma descrição rigorosa?

— Bastante.

— Ainda bem. Ainda bem. — Deann estendeu a mão, segurando a de Eve com firmeza. — Porque agora também é a minha polícia.

— Os próximos dias não vão ser fáceis para ela — comentou Peabody, quando desciam para o átrio. — Parece-me ser o tipo de pessoa que vai conseguir lidar com a situação, depois de se acalmar.

— Tem fibra — concordou Eve. — Vamos investigar o ex-marido. Pode ter decidido aparecer em Nova Iorque. Vamos falar com os pais da vítima, com outros amigos. Perceber melhor a rotina dela, falando com os Vanderlea.

— Não foi um homicídio fortuito. Acho que a mutilação o tira dessa categoria. O cenário, a pose. Se não foi pessoal, foi, pelo menos, planeado.

— Concordo. — Atravessaram o átrio, dirigindo-se para o carro. — A Maplewood passeava a cadela à noite. Uma rotina, um padrão. O assassino repara nela, apercebe-se do padrão, e fica à espreita. Isso significa que sabia que o animal não o atacaria, ou que tinha forma de o incapacitar.

— Já viste aqueles *poodles* pequeninos? — Peabody uniu as mãos, formando uma pequena concha.

— Mas têm dentes, não?

Parou junto ao automóvel, olhando para o bairro. Bem iluminado. Androides-seguranças deviam patrulhar a zona regularmente. Porteiros de serviço vinte e quatro horas por dia. Haveria algum trânsito na estrada àquela hora da noite, na altura do ataque.

— Foi passear a cadela ao parque. Provavelmente, só na orla, mas entrou. Sente-se segura. Vive aqui, conhece a zona. Deve ter-se mantido perto da rua, mas não o bastante. Ele teve de ser rápido. Estava à espera, quase de certeza.

Eve saiu do passeio, imaginando a cena.

— Deixa a cadela farejar junto às árvores, para ela fazer o que tem a fazer. Está uma noite agradável. A Maplewood relaxa, aprecia o passeio. Ela e a Vanderlea podiam ser amigas, mas ainda assim ela trabalhava lá em casa, e trabalhava bastante. Dava para perceber pelas mãos dela. Havia de apreciar vir à rua com o cão, caminhar um pouco, passear por aqui.

Apontou a lanterna para a relva, na direção do local onde Elisa fora apanhada, agora delimitado. — Ele esperou até ela não poder ser vista da rua. Deixou-a caminhar apenas o suficiente. Matou a cadela, ou ela fugiu.

— Matou a cadela? — A aflição de Peabody fez Eve abanar a cabeça.

— Um tipo que espanca, viola, estrangula e mutila uma mulher, não me parece que vá ter problemas em acabar com um cão.

— Caramba.

Eve voltou para o carro. Podia ir a casa, trocar de roupa. Estava mais perto de casa do que da Central. E evitaria a humilhação de entrar na Central com a sua presente indumentária. Um argumento que não podia ser sobrevalorizado.

— Podemos ir para minha casa. Assentávamos ideias a respeito do caso, dormíamos umas horas e começávamos a trabalhar com a cabeça fresca, pela manhã.

— Boa ideia. Só te esqueceste de dizer que não queres ir para a Central com esse vestido.

— Cala-te, Peabody.

Passava das cinco da manhã quando Eve entrou silenciosamente no quarto. Despiu-se a caminho da cama, deixando as roupas onde caíam, e deitou-se nua.

Não fizera um único som, mal se mexera sobre o colchão, mas o braço de Roarke veio rodear-lhe a cintura, puxando-a para junto dele.

— Não queria acordar-te. Vou dormir duas horinhas. A Peabody está no seu quarto de hóspedes preferido.

— Então, desliga. — Os lábios dele tocaram-lhe o cabelo ao de leve. — Dorme.

— Duas horas — murmurou ela. E desligou.

O seu pensamento seguinte, ainda pouco coerente, foi: café.

Sentia-lhe o cheiro. O aroma sedutor chegava-lhe ao cérebro sonolento, como um amante trepando por uma latada florida. Eve pestanejou, abriu os olhos e viu Roarke.

Como sempre, ele acordara antes dela, e já estava vestido com um dos seus fatos de dono do mundo. Mas não se encontrava no sofá, como era seu hábito, a ver os primeiros relatórios das ações e afins enquanto tomava o pequeno-almoço. Estava sentado na beira da cama, a olhar para ela.

— Que se passa? Aconteceu alguma coisa? Houve outro...?

— Não. Relaxa. — Pôs-lhe uma mão no ombro, para a manter deitada, quando ela tentou levantar-se. — Sou o teu despertador, e até te trago café. — Pôs a chávena na sua linha de visão.

E viu o olhar dela vidrar-se, de desejo.

— Dá cá.

Roarke passou-lhe a chávena e esperou que ela bebesse o primeiro gole desesperado.

— Sabes, querida, se a cafeína alguma vez chegar à lista de substâncias ilegais, vais ter cadastro.

— Se tentarem fazer do café uma substância ilegal, mato-os a todos e acaba-se o problema. Que nota te dou por um café na cama?

— Amo-te.

— Pois é. — Bebeu mais um gole. — Pateta.

— Não é assim que me convences a trazer-te outra chávena.

— Também te amo?

— Isso já era capaz de resultar — disse Roarke, passando o polegar pelas sombras sob os olhos dela. — Dormir duas horas não basta, tenente.

— É o que me posso permitir. Depois ponho o sono em dia. Quando for possível. Vou tomar um duche.

Eve já estava de pé, e levou o que restava do café para a casa de banho consigo. Roarke ouviu-a acionar os jatos: intensidade máxima, temperatura elevada. E limitou-se a abanar a cabeça, perante aquele hábito que ela tinha de se escaldar todas as manhãs para ficar desperta.

Trataria de lhe dar combustível, e esperava não ter de a amarrar para a obrigar a comer. Acabara de programar o AutoChef para o pequeno-almoço, quando ouviu passos almofadados e ligeiros atrás de si.

— Deves ter um *chip* na cabeça que dá sinal sempre que alguém

pensa em comida. — Olhou para o gato rechonchudo, que lhe roçava a perna, expectante. — Aposto que já te deram comida na cozinha.

Galahad ronronou como uma máquina e roçou-lhe a perna com mais força. Ignorando-o, Roarke selecionou fatias douradas para Eve, algo a que ela dificilmente resistia. Acrescentou ao pedido algumas fatias de bacon, ciente da sua própria fraqueza no que tocava ao gato.

Eve entrou no quarto, com um roupão branco curto vestido.

— Vou só buscar uma coisa à Central quando... — Cheirou o ar, vendo o prato com fatias douradas. — Isso foi baixo.

— Sim. — Roarke deu uma palmadinha na cadeira ao seu lado, e afastou o gato, que aceitara o convite. — Não és tu. Senta-te, Eve. Podes sair quinze minutos mais tarde e tomar o pequeno-almoço.

— Acho que sim. Além disso, tenho de te pôr a par de algumas coisas. Dois coelhos de uma cajadada, rentabilizo o tempo. — Sentou-se, cobriu o pão com uma abundante camada de geleia.

Comeu uma garfada, afastando o gato, que tentava chegar-lhe ao prato, depois pegou na chávena de café acabado de servir que Roarke lhe estendia.

— A vítima trabalhava para o Luther e a Deann Vanderlea.

— Da Vanderlea Antiquities?

— Era o que dizia o registo dele. Conhece-los bem?

— Recorri muito à Vanderlea Antiquities quando mibilei esta casa, e outras. Lidei sobretudo com o pai dele, mas conheço o Luther e a mulher. Não lhes chamaria amigos pessoais, mas são pessoas das minhas relações. Ele é competente no seu ramo e agora está muito envolvido na gestão do negócio. Pessoas bastante agradáveis, e ela é muito inteligente e encantadora. São suspeitos?

— O Luther estava em Madrid quando se deu o homicídio. Tanto quanto consegui confirmar até agora. A Deann não está na minha lista. Na verdade, a não ser que seja uma atriz digna de um óscar, ela e a vítima eram mais amigas do que patroa e empregada. Ficou muito abalada, mas mostrou-se à altura da situação. Gostei dela.

— Posso dizer-te, pelo que conheço do Luther, que não o imagino a violar uma mulher, muito menos a assassiná-la e a arrancar-lhe os olhos.

— Será do tipo de tentar divertir-se com a criada debaixo do nariz da mulher?

— Nunca se sabe com o que um homem poderá tentar divertir-se

debaixo do nariz da mulher, mas não tenho essa ideia dele. Parece-me um casal feliz. Acho que têm uma criança pequena.

— Uma menina, quatro anos. A mesma idade da filha da vítima. A Deann Vanderlea está a ter uma manhã difícil.

— A vítima tinha marido?

— Ex-marido. Vive nas Caraíbas. Historial de violência. Vamos investigá-lo com atenção.

— Amante?

— Segundo a Deann, não. Supostamente, a vítima, Elisa Maplewood, saiu de casa entre as dez e a meia-noite para passear o cãozinho chique. Vamos saber a hora exata pelas câmaras do edifício. Entrou no parque, onde o assassino a apanhou. Ele estava à espera, só podia estar à espera. Atacou-a, violou-a, estrangulou-a, depois levou-a para as rochas, para a deixar em exposição, e acabou o trabalho. Os olhos serão um símbolo? — perguntou-se Eve. — As janelas da alma, olho por olho? Ou um ritual religioso perverso? Talvez só uma recordação.

— Vais querer falar com a Mira.

— Oh, claro. — Eve pensou na melhor especialista da cidade em perfis criminais. — Vou pô-la ao corrente já esta manhã.

Limpara o prato enquanto falava e levantou-se para se vestir.

— Se estivermos com sorte, terá sido um caso isolado.

— Porque é que achas que não foi?

— Demasiado organizado e metucioso. Demasiados símbolos. Os olhos, a fita vermelha, a pose. Podemos vir a descobrir que estes símbolos estão diretamente relacionados com a Elisa Maplewood, mas acho que têm que ver com o assassino, não com a vítima. Significam algo para ele, pessoalmente. A Elisa talvez correspondesse a um tipo: aspeto físico, o lugar onde se encontrava, o seu passado, algo do género. Ou talvez fosse simplesmente uma mulher que estava ao alcance.

— Queres a minha ajuda com os Vanderlea?

— Talvez queira, a dada altura.

— Só tens de dizer. Querida, esse casaco, não. — Mais resignado do que surpreendido, levantou-se para lhe tirar das mãos o que ela escolhera do roupeiro e, depois de uma breve observação, optou por um casaco de xadrez de um tom azul pálido com fundo creme. — Confia em mim.

— Não sei o que fazia antes de seres o meu consultor de moda — disse-lhe Eve.

— Eu sei, mas não quero lembrar-me disso.

— Reconheço uma alfinetada quando a ouço. — Sentou-se para calçar as botas.

— Hum. — Roarke levou uma mão ao bolso, e tocou num pequeno botão cinzento. Um botão que caíra do que era possivelmente o fato mais desengraçado e mal cortado que ele alguma vez vira. O fato que ela estava a usar da primeira vez que a vira.

— Tenho uma reunião por *link* daqui a pouco, depois vou estar no escritório a maior parte do dia. — Inclinou-se e encostou os lábios aos dela, por um longo e delicioso instante. — Cuida bem da minha polícia.

— É esse o meu plano. A propósito, fiquei a saber que os teus amigos dizem que a tua polícia é assustadora, perigosa e implacável. Que achas disso?

— Tenente, os seus amigos dizem o mesmo. Dá um beijo meu à Peabody — acrescentou ao sair.

— O beijo é para mim — gritou-lhe Eve. — Ela leva um aperto de mão.

Ouviu-o rir-se, e pensou que isso era tão bom como café, para começar o seu dia.

Marcar uma reunião com a doutora Mira foi a primeira coisa que fez, depois de chegar ao seu gabinete na Central. A lista de tarefas de Peabody incluía confirmar que Luther Vanderlea se encontrava em Madrid e averiguar o paradeiro do ex-marido da vítima.

Eve introduziu os dados conhecidos no seu computador e cruzou-os com os registos do IRCCA, para procurar casos semelhantes.

O número de crimes sexuais com mutilação não a surpreendeu. Há muito que trabalhava nos Homicídios. Nem o número de casos que envolviam danificação, destruição ou remoção dos olhos da vítima lhe causaram espanto.

Eliminou aqueles em que o perpetrador estava na cadeia ou debaixo da terra, e passou a manhã a estudar os casos por resolver ou em que não houvera uma condenação.

O seu *link* deu sinal várias vezes — repórteres a farejar —, mas Eve não teve dificuldade em ignorá-lo.

Enquanto o programa trabalhava sobre os dados reunidos, concentrou-se na vítima.

Quem era Elisa Maplewood?

Estudara em escolas públicas. Não frequentara o ensino universitário. Um casamento, um divórcio, uma filha. Fora mãe a tempo inteiro, com subsídio do Estado, até a criança atingir os dois anos. Os seus pais tinham-se divorciado quando ela tinha treze anos. A mãe era doméstica, o padrasto era operário. O pai era do Bronx, desempregado e com antecedentes criminais. Eve ficou de pé atrás. E aprofundou a busca sobre Abel Maplewood.

Pequenos roubos, alcoolismo e desacatos, tráfico de bens roubados, violência... violência doméstica, jogo ilegal, perturbação da ordem pública.

— Ora, ora, Abel, não prestas, pois não?

Não constavam agressões sexuais, mas para tudo havia uma primeira vez. Havia pais que violavam filhas. Eve sabia-o demasiado bem. Pais que amarravam e espancavam as filhas, que lhes partiam os ossos e violavam carne da sua carne.

Eve afastou-se lentamente da secretária, sentindo a pulsação acelerar-se. Sentindo as memórias, o pesadelo das memórias, invadir-lhe a mente.

Foi buscar água, em vez de café, e bebeu-a, também devagar, junto à sua janela estreita.

Sabia o que Elisa sofrera durante a violação — a dor, o medo, que era pior do que a dor, a humilhação e o choque. Sabia, como só uma vítima podia saber.

Mas tinha de usar esse conhecimento para encontrar o assassino, para fazer justiça, ou não seria útil. Se deixasse as memórias atingirem-na com demasiada força, turvarem-lhe o discernimento, não poderia ser útil.

Estava na altura de voltar ao terreno, disse para consigo. Voltar ao terreno e fazer o seu trabalho.

— Dallas?

Não se voltou, e não se perguntou há quanto tempo estaria Peabody no gabinete, a vê-la tentar recuperar o controlo.

— Confirmaste o Vanderlea?

— Sim. Em Madrid, como nos tinham dito. Está neste momento a regressar. Cancelou o seu último dia de viagem, depois de a mulher o ter contactado. Esteve numa reunião de negócios ao pequeno-almoço, esta manhã. Com a diferença de horário, aqui e na Europa... eram sete horas em Madrid. Seria quase impossível ter vindo a casa, assassinado a Maplewood e voltado para Madrid a tempo da reunião.

— O ex-marido?

— Brent Hoyt. Não pode ter sido ele. Passou a noite preso com outros bêbedos em St Thomas, não estava em Nova Iorque.

— Está bem. O pai da Maplewood, Abel, tem cadastro. Vamos ter de o investigar. Primeiro, vamos voltar a casa dos Vanderlea.

— Ah, está aqui uma pessoa para falar contigo.

— É pertinente?

— Bem...

— Não tenho tempo para conversa. — Voltou-se para Peabody. — Vamos falar com o Morris à morgue, depois vamos para a alta da cidade. Tenho de voltar à Central para a reunião com a Mira.

— Pois, bem, ela insistiu muito. Diz que tem informações. Parece normal.

— Porque é que não havia de parecer? Se está aqui alguém com informações sobre a investigação em curso, porque é que não disseste logo?

— Porque... — Peabody hesitava entre deixar Eve descobrir por si própria, ou proteger a própria pele. A hesitação não durou muito. — Ela diz que é vidente.

Eve ficou imóvel.

— Oh, por favor, manda-a embora. Já sabes que não deves deixar os maluquinhos entrar.

— Ela está registada e tem licença. E disse que era uma amiga...

— Eu não tenho amigas videntes. É uma política que sigo à risca.

— Não é tua amiga, mas têm uma amiga em comum.

— A Mavis tem todo o tipo de amigas maluquinhas. Não entram no meu gabinete.

— Não é a Mavis. Ela diz que é amiga da Louise. Da doutora Dimatto. Da muito normal e conceituada doutora D. E está abalada, Dallas. Tem as mãos a tremer.

— Raios. Damos-lhe dez minutos. — Olhou para a sua unidade de pulso, e programou o alarme para dar sinal ao fim de dez minutos. — Ela que entre.

Eve sentou-se, irritada. Era isto que acontecia quando uma pessoa fazia amigos. Os amigos faziam outros amigos, e depois esses outros amigos insinuavam-se na sua vida, no seu trabalho. Quando se dava por isso, estava-se atolado em amigos.

E metade deles estava mal do juízo.

Está bem, corrigiu-se. Nem todos os videntes eram doidos ou

vigaristas. Alguns — muito, muito poucos — eram genuínos. Eve sabia que as forças de autoridade recorriam por vezes a essas pessoas e em alguns casos tinham êxito.

Mas Eve não procurava esse tipo de ajuda. Queria fazer o seu trabalho através da investigação, de processos tecnológicos, da análise de indícios, da dedução. Depois juntava-se instinto, sorte e alguma pancada.

Estava satisfeita com o seu método.

Agora precisava de um café.

Acabava de tirar a chávena do AutoChef quando a mulher apareceu à porta, acompanhada de Peabody.

O seu aspeto era normal. Tinha um cabelo comprido e ondulado, que lhe caía até um pouco abaixo dos ombros, de um tom castanho perfeitamente normal. Um castanho escuro e brilhante, que parecia ser aquele que Deus escolhera na altura em que a fizera. A sua pele era morena e lisa, e os olhos, de um verde-claro, pálido, mostravam nervosismo, mas pareciam sãos, quando encontraram os de Eve.

A cara era forte e sensual, com uma daquelas bocas carnudas e um nariz fino, aquilino. Sangue mexicano ou espanhol, assumiu Eve. Antepassados que tinham vivido ao sol e dedilhado guitarras. Exótica.

Eve pô-la a meio da casa dos trinta. Calculou que teria cerca de um metro e setenta de altura, com um corpo musculoso e firme, cuidado.

Trazia roupa informal, umas calças de bom corte e uma camisa comprida, ambas em tons laranja, dois anéis com pedras de cores vivas, e brincos compridos, com pequenas contas de ouro.

— Tenente Dallas. Esta é a Celina Sanchez.

— Bem, senhora Sanchez, sente-se, por favor. Tenho pressa, por isso o melhor é ir direta ao assunto.

— Está bem. — A mulher sentou-se, pousou as mãos bem apertadas no colo. Inspirou e expirou uma vez. — Ele tirou-lhe os olhos.